

O Laboratório de Inteligência do Ambiente Urbano (LIAU) na Rede Municipal de Ensino de Porto Alegre

*Andréa Ketzer Osorio
Assessora de Educação Ambiental/SMED Porto Alegre
Mestranda em Geografia/ PósGea UFRGS*

O LIAU existe na Rede Municipal de Ensino de Porto Alegre (RME) desde o ano de 2000. O lançamento do Atlas Ambiental de Porto Alegre, em 1998, trouxe para a RME uma nova abordagem para o trabalho em Educação Ambiental (EA). As bases do trabalho em Educação Ambiental, propostas por esta publicação, estão no conhecimento do lugar. Uma nova leitura da paisagem urbana foi apresentada no Atlas a partir da introdução de conteúdos que vão revelando o sistema natural, o sistema construído e a gestão ambiental da cidade, possibilitando uma maior compreensão do mundo a partir do estudo do lugar.

O LIAU, enquanto estratégia pedagógica, procura produzir significados e construir nos sujeitos relações com o lugar que não se dariam sem esse conhecimento, e que são essenciais para que se percebam os desejos e necessidades de transformação da sua realidade pela própria comunidade escolar. Essa construção se dá através do manuseio de mapas do Atlas Ambiental de Porto Alegre, da produção de materiais didáticos, das saídas de campo para estudo do meio, das conexões existentes com outras escolas e com outros elementos da sociedade, como outras secretarias e departamentos municipais, que propiciam ao educando uma aproximação de um saber técnico institucional com um saber concreto, experimental, mas, especialmente, através do diálogo entre esses vários sujeitos.

Sendo espaço de investigação, pesquisa e produção de conhecimentos inter e transdisciplinares, o LIAU é organizado em uma sala onde são expostos painéis reproduzidos do Atlas Ambiental, que objetivam relacionar as escalas da paisagem, desde a planetária até a local. Através desses painéis, eles conseguem explicar a evolução física do planeta Terra, em relação à Geologia,

Geomorfologia, Vegetação, bem como o sistema construído pelo ser humano procurando atender as suas necessidades.

Nessa sala, os alunos que participam do LIAU reúnem-se, de acordo com o seu interesse, por indicação dos professores ou por sorteio, no turno inverso ao de suas aulas, uma vez que o projeto faz parte do programa Cidade Escola. Esse programa, adotado pela SMED a partir de 2009, visa a integralização do aluno da escola municipal, de modo que ele seja atendido no seu turno de aula e ainda mais 12 horas no turno inverso, e abrange todas as atividades (esportivas, artísticas, letramento, matemática, etc) que acontecem no turno inverso nas escolas da RME, atendidas por professores pertencentes ao quadro do município de Porto Alegre.

Os alunos monitores, que se encontram com o professor referência entre uma e quatro vezes na semana, dependendo da organização da escola, são responsáveis por buscar alternativas para socializar o conhecimento adquirido não somente com outros alunos, mas também com a comunidade e com outras escolas. Para isso, registram as descobertas feitas durante as saídas a campo e procuram ampliá-las e fundamentá-las, para que possam produzir materiais didáticos que serão utilizados para essa socialização do conhecimento. Dentre esses materiais estão a mapoteca, com mapas temáticos da região da escola (rochas, vegetação natural, áreas de risco) e com a litoteca (amostras de rochas recolhidas durante as saídas de campo), o herbário (onde são identificadas as árvores e plantas existentes no pátio da escola e no entorno), as maquetes localizando a escola, os arroios, a geomorfologia da região, entre outros. De forma criativa, montam peças de teatro, realizam oficinas, produzem material digital, criam trilhas urbanas, promovem mutirões no pátio escolar e na comunidade, constroem dioramas. A construção desses materiais responde à demandas da escola, que muitas vezes solicita a participação do LIAU nas atividades extra-classe, como exposições, Feiras de Ciências, Semana no Meio Ambiente, Semana de Porto Alegre, etc.

Fazem parte ainda dessa estrutura os oficinairos do LIAU, universitários da UFRGS, que moram em localidades próximas às escolas, e atuam em conjunto com o professor-referência (que tem carga horária para o projeto) na mediação da produção de conhecimentos do lugar pelos educandos.

A importância dessa estratégia para a RME fundamenta-se em duas instâncias:

- a necessidade do conhecimento do lugar. Segundo MENEGAT (2009), a cidade de hoje não nos permite observar a paisagem e com ela estabelecer relações de construção de conhecimento como acontecia com as cidades antigas. Desta forma, é preciso que se direcione o olhar para que se percebam detalhes em outras épocas determinantes para a vida de um certo povo ou comunidade, e que hoje passam-nos desapercibidos em função da tecnourbesfera;
- as possíveis consequências de um projeto como este para a construção do conhecimento escolar e da cidadania. A importância da escola enquanto centro de saberes locais, provocando e proporcionando a participação dos cidadãos nos programas de gestão municipal, é um dos objetivos da Educação Ambiental Urbana Integrada. É na escola que se produz o conhecimento do lugar, sendo esse o espaço para que se busque o conhecimento tradicional, popular, presente não nos livros e na academia, mas nas pessoas que fazem parte daquele lugar.

Procurando diminuir a distância entre universidade, comunidade e escola, o LIAU propõe-se a constituir a escola como um centro de saberes locais. Descobrir o lugar não deve ser exclusividade da escola, enquanto espaço (fechado) da produção de conhecimento (que algumas vezes nem acontece), numa via de mão única. Essa descoberta precisa ser fruto da interação de toda a comunidade escolar. Como? Ouvindo a comunidade, esclarecendo-a, pesquisando com ela, compartilhando ideias, conhecimentos e ações. Mas principalmente, aprendendo com ela. Aprendendo que antigamente o arroio não transbordava e não era poluído. Que antes de ter o loteamento, havia uma pracinha e uma quadra de esportes, e que, tendo atividades esportivas e recreativas, a violência era menor. Que a maioria das pessoas que ali residem vieram do interior e não conhecem ou nem sabem onde fica o centro da cidade, ou que eram descendentes de indígenas e usam as ervas que ficam lá no “pé” do morro para curar gripe, tuberculose e até mau-olhado. Promovendo o diálogo, não somente entre gerações, mas entre concepções de

mundo diferentes. Uma acadêmica/escolar, vinda do Atlas, dos professores, do livro didático, levada à comunidade pelos alunos monitores, frutos da sistematização mais formal do saber, mas também carregados de suas próprias experiências escolares, com outra oriunda do saber cotidiano, local, que a vida traz, agregado também a experiências vividas na comunidade. Tarefa extremamente difícil, aproximar-se da comunidade, escutá-la, fazê-la sentir-se detentora do saber, compartilhar conhecimentos.